



anne bishop

ANEL  
OCULTO

Tradução de Cristina Correia



## PRÓLOGO

O novo Guarda-Mor, Senhor Krelis, tentava manter-se imóvel enquanto observava Dorothea SaDiablo a vaguear demoradamente pela sala de audiências privada. Fosse ela outra mulher, quiçá tivesse admirado sem pejos a sua figura esbelta, quiçá tivesse cogitado se o cabelo preto graciosamente apanhado à volta da cabeça seria tão sedoso como aparentava, quiçá se tivesse atrevido a passar a mão pela pele trigueira que o longo vestido escarlate deixava ver. Provavelmente, teria também admirado o ruge-ruge do tecido num movimento contrário ao meneio das ancas. Teria, porventura, questionado se o modo como acariciava o queixo com a grande pena alva seria um convite subtil a outro tipo de carícias.

Porém, Dorothea SaDiablo era Viúva Negra, membro da Ampulheta, as assembleias mais perigosas e temidas do Reino de Terreille. As Viúvas Negras eram especialistas em venenos e jornadas da mente, em sombras e ilusões, em paisagens oníricas que enredavam um homem, podendo deixá-lo aprisionado num pesadelo interminável.

Era também a Sacerdotisa Suprema de Jóia Vermelha de Hayll. Devido à inexistência de Rainhas no Território haylliano que igualassem a força psíquica que aquela Jóia acarretava e por desejarem manter-se íntegras e sãs, nenhuma Rainha mais fraca desafiava a autoridade de Dorothea, pelo que regia como entendia – algo que nenhum macho de Hayll se atrevia a esquecer.

— Tens visto o teu antecessor ultimamente? — ronronou Dorothea ao passar pelo Senhor Krelis. O sorriso provocante não condizia com o deleite perverso nos olhos dourados.

— Sim, Sacerdotisa — respondeu Krelis, tentando manter a voz neutra. Quando se deslocara com vários soldados aos bairros degradados de Draega, a capital de Hayll, com o objectivo de juntar alguma escória para mão-de-obra, vira o seu antigo comandante a sair aos tropeções de uma viela imunda.

Presentemente, o antigo Guarda-Mor não passava da sombra torturada e estropiada do homem que fora. Como agravante, a sua teia interior, o núcleo íntimo do Eu que era a essência dos Sangue, fora estilhaçada a ponto de não poder usar as Jóias nem conseguir realizar mais do que Arte básica, se tanto. A mente viva e táctica que protegera Dorothea durante tantas décadas fora aberta como um melão e esvaziada. Mas não completamente. Se

os olhos atormentados no rosto marcado servissem como indicadores, fora deixada capacidade suficiente para se recordar do que fora. E de quem lhe infligira este padecimento.

Dorothea voltou a passar por Krelis, com um ruge-ruge. Sentiu gotas de suor na testa na tentativa de esvaziar a mente, rogando às Trevas para que Dorothea não detectasse nada que a levasse a abrir-lhe as barreiras interiores e a sondar-lhe os pensamentos.

— Incumbi o teu antecessor de uma tarefa importante e decepcionou-me. — Detendo-se defronte de Krelis, Dorothea sorria ao passar-lhe a pena pelo rosto. — Agora faz parte da Irmandade da Pena.

Krelis estremeceu. Mãe Noite! Rapar todos os órgãos que constituíam a essência de um homem. Precisar de uma dessas enormes penas para...

— E *tu*, vais decepcionar-me? — ronronou Dorothea, encostando-se.

— Não, Sacerdotisa — balbuciou Krelis. — Dizei-me o que pretendes da minha pessoa e fá-lo-ei.

— És um homem sensato. — Fez-lhe cócegas nos lábios com a pena antes de se afastar. — Já ouviste falar da Senhora Cinzenta?

Já a estaria a decepcionar? Oh, ouvira murmúrios vagos alguns meses atrás, mas nessa altura não passava de um guarda do Terceiro Círculo – e os comandantes não tinham o hábito de comunicar aos seus soldados mais do que o necessário. Sentindo-se nauseado, engoliu em seco e conseguiu sussurrar: — Não, Sacerdotisa.

Dorothea lançou-lhe um olhar malicioso e divertido para logo continuar a caminhar indolentemente. — É uma perigosa inimiga, é a Rainha de Jóia Cinzenta que rege o Território Dena Nehele, no outro lado das Montanhas Tamanara. Desde que estabeleceu corte, há quarenta anos, tem sido um tormento constante e insiste em debater-se contra as minhas tentativas para que o Reino de Terreille se submeta à orientação benéfica de Hayll.

Hesitante, Krelis disse: — Uma vez que não é de uma raça de longevidade prolongada, é certo que deve ser bastante idosa.

— Mas ainda é forte — ripostou Dorothea. — Enquanto estiver viva, Dena Nehele continuará a resistir a submeter-se à vontade de Hayll e os Territórios limítrofes fortalecer-se-ão com essa resistência. Ainda que morresse amanhã, demoraria uma das gerações dessa raça a eliminar a influência da Rainha.

— Tencionais declarar guerra a essa Senhora Cinzenta?

Os olhos dourados de Dorothea ganharam um tom amarelo-escuro. — Hayll não se rebaixa a barbaridades como a guerra. Qual seria o interesse de angariar um Território devastado pelo tipo de guerra levado a cabo pelos Sangue? — Bateu levemente com a pena no peito. — Existem formas subtis de amadurecer um Território para a colheita. Mas isso não te diz respeito.

Krelis fitou o chão. — Pois não, Sacerdotisa.

— Cabe-te a tarefa de eliminares a Senhora Cinzenta.

Não reflectiu antes de dizer bruscamente: — *Como?*

Dorothea parecia indignada. Estaria arrependida de ter maltratado o antigo Guarda-Mor e de ter perdido aquela mente táctica? Logo, a expressão alterou-se.

— Coitadinho — murmurou, acariciando-lhe carinhosamente o rosto. — Fui cruel, não fui? Não, querido — pousou os dedos sobre os lábios de Krelis, — não precisas de negar. Não tens que ter conhecimentos dos hábitos daquela cabra. — Deu um passo atrás e suspirou. — Grizelle está bem protegida no seu Território pelo que seria difícil chegares junto dela. Contudo, de há uns anos para cá, tem saído da sua toca duas vezes por ano e vai aos leilões de escravos em Raej.

— Leilões de escravos. — Os olhos dourados de Krelis brilharam.

Dorothea abanou a cabeça. — Raej é considerado terreno neutro. Se uma Rainha aí fosse assassinada por um motivo qualquer, os restantes poderiam pensar duas vezes em visitar o local e, nesse caso, onde poderíamos vender os brinquedos dos quais nos queremos livrar e comprar novos?

— Poderíamos substituir um dos escravos por um servo leal e...

— Grizelle não compra ninguém de Hayll e não há servos leais que não pertençam ao nosso povo. Por vezes, nem no nosso próprio povo os encontramos.

Krelis controlou a frustração. Era a primeira tarefa de relevo de que o incumbia desde que se tornara Guarda-Mor há uns meses. Não a iria decepcionar. Não iria. — Assim sendo, o que terei de fazer, Sacerdotisa?

Dorothea parou. — Senhor Krelis, és Guarda-Mor. A forma como irás cumprir a tarefa só a ti te diz respeito. — A expressão amenizou-se. — Contudo, caso desejes, farei uso da minha Arte em particular para te ajudar no que puder.

Suspirou de alívio. — Agradeço-vos, Sacerdotisa.

Dorothea observou-o durante algum tempo, que pareceu exagerado. De seguida, sorriu. — Eu sabia que tinha feito a escolha certa para o novo Guarda-Mor. Fiz a mesma proposta ao teu antecessor mas não aceitou a minha ajuda. Visto que a cabra escapou à armadilha que lhe montou com relativa facilidade, foi razão suficiente para pôr em causa a sua lealdade, não concordas?

Recordando-se do semblante do anterior Guarda-Mor, Krelis sentiu um calafrio. — Sim, Sacerdotisa.

— Não preciso de me preocupar quanto à *tua* lealdade, pois não?

— Não, Sacerdotisa.

Dorothea dirigiu-se a Krelis e abraçou-o pelo pescoço. — Sabes, que-

rido, sou muito generosa com um macho que me faz as vontades. — Roçou os seios no peito do Guarda-Mor, beijou-o demoradamente e pronunciou de modo indolente: — É para te lembrares das recompensas que advêm de me servir condignamente. E isto — enfiou a enorme pena branca no cinto do homem — irá recorda-te das consequências do falhanço.

## CAPÍTULO UM

*Nada do que lhe fora infligido ao longo dos últimos nove anos podia comparar-se à verdade devastadora de que fora o responsável pela situação em que se encontrava. Devido a um erro de discernimento, o rapaz de dezoito anos que era na altura, aquele macho jovem e empertigado tão confiante em si próprio, enviara-o por este caminho pleno de sofrimento. Um caminho que terminaria em breve na brutalidade que aguardava os homens nas minas de sal de Pruul.*

*Nos últimos dias, enquanto aguardava que o levassem para o leilão de escravos, tentara arduamente perdoar a esse rapaz por ter ignorado o desconforto que os amigos experimentaram e os avisos dos Senhores da Guerra mais velhos quando aquela feiticeira entrou na estalagem. Tentara perdoá-lo por não ver para além das aparências, por não ter detectado a podridão sob o belo rosto e sob o corpo sensual, por ter mordido aquela isca almiscarada com um entusiasmo desmedido. Tentara perdoá-lo por ter acreditado nas palavras sussurradas que prometiam uma eternidade de folias nocturnas, por se ter deixado envolver de tal forma no prazer entre as pernas da mulher que permitira a colocação daquele anel de ouro na sua pila pois a feiticeira lhe tinha descrito, fazendo beicinho, todas as diabruras a que o iria submeter – mas somente depois de usar um Anel de Obediência uma vez que precisava de controlar ligeiramente a paixão do rapaz.*

*O divertimento durara um dia, até se aperceber quão cruel podia ser o Anel de Obediência nas mãos de alguém que tivesse prazer em infligir dor.*

*Como escravo de prazer durante nove anos, não se recordava qual o motivo para alguma vez ter desejado ir para a cama com uma mulher.*

*E culpava amargamente aquele rapaz. Tendo as minas de sal de Pruul à sua espera, oh, é claro que culpava o rapaz.*

•

— O que faz aquele Senhor da Guerra de Jóia Vermelha *nesta senzala?* — perguntou um dos escravos em voz baixa. — Não costumam pôr *aquele* tipo de gente *aqui*.

Outro escravo cuspiu. — As Jóias que um escravo usa não interessam para nada.

— É verdade, mas... já o vi antes. Julguei que era um escravo de prazer.

— Era — respondeu um terceiro homem, — até se tornar assassino de Rainhas.

— Assassino de Rainhas!

*Assassino de Rainhas. Assassino de Rainhas.*

Jared manteve-se no canto que escolhera da senzala, ignorando os sussurros que rodopiavam à sua volta, fingindo não se aperceber da forma como os outros homens o evitavam. Até ali, na mais imunda das senzalas de escravos, os machos dos Sangue considerados inaptos para qualquer outro trabalho além dos trabalhos mais vis, não queriam ser contaminados por um homem com o sangue de uma Rainha nas mãos.

Compreendia essa atitude. Quando a raiva cega se dissipou, permitindo ver os corpos da Rainha e do irmão Príncipe, ficara horrorizado com os seus actos.

Mal conseguia respirar ao sentir a dor a rasgá-lo uma vez mais, ameaçando dilacerá-lo.

Em parte, sentira-se horrorizado, era bem verdade – a parte que aprendera o código de honra dos Senhores da Guerra com o pai, a parte que fora educada para servir o sexo feminino. Contudo, outra parte, a fracção selvagem que não sabia existir, urrara em triunfo.

A dor mitigou-se, enquanto o feroz desconhecido dentro de si deambulava pelos limites da mente e do coração.

Não confiava naquele desconhecido, temia mesmo a sua presença. Não era *ele*. Porém, voltaria a usar mais uma vez a brutalidade, unicamente por uma razão: queria, *precisava*, de regressar a casa o tempo suficiente para ver a mãe e retirar as palavras que durante anos se arrependera de ter proferido. Depois disso...

Não fazia sentido pensar que haveria algo mais para além disso. Mas bastaria. *Teria* de bastar.

O que significava que tinha de escapar esta noite. Amanhã, começaria o leilão de escravos de Outono de Raej. As feiticeiras que se deslocavam a esta ilha para comprar e vender estariam nos terrenos do leilão acompanhadas por guardas contratados e os guardas que vigiavam as senzalas haveriam de estar demasiado nervosos, respondendo agilmente a *qualquer* movimento dos escravos.

Assim sendo, esta noite teria de encontrar uma forma de se aproximar da área de desembarque oficial, fora do recinto da feira e apanhar um dos Ventos, essas teias de caminhos psíquicos que permitiam aos Sangue viajar pelas Trevas. Apanharia um dos Ventos e viajaria de regresso à Floresta de Ranon.

Com a decisão tomada, Jared contemplou o pôr-do-sol e a lua na fase de quarto crescente a erguer-se enquanto pensava na mãe, no pai e nos irmãos, na sua casa... e no rapaz que fora.

## CAPÍTULO DOIS

Krelis fechou a pequena caixa em madeira que Dorothea lhe dera e usou a Arte para a fazer desaparecer.

Todos os planos estavam elaborados. Nada mais podia fazer a não ser aguardar.

O gabinete do Guarda-Mor fazia-o sentir demasiado enclausurado, por isso saiu do edifício que albergava os guardas do Primeiro Círculo e começou a caminhar sem destino pelos campos de treino.

Graças às Trevas que Dorothea não solicitara a sua presença ao jantar. Embora a sua linhagem pudesse ser traçada a duas das Cem Famílias de Hayll, quer a família materna, quer a paterna era de classes inferiores. Crescera numa pequena povoação e ainda não se sentia à vontade na aborrecida e resplandecente sociedade aristocrática que constituía o poder social de Hayll. Quem estivesse de serviço numas destas reuniões sociais podia observar as seduções e os jogos, podia ouvir as conversas de dois gumes, podia observar a dança de riqueza e poder sem ter de participar. Contudo, o Guarda-Mor era um dos três machos de maior importância da corte e, sempre que solicitado, esperava-se que socializasse com as pessoas que se reuniam à volta da sua Senhora. Esperava-se que falasse com os outros homens e que dançasse com as mulheres, esperava-se que namoriscasse sem ofender, mas que não namoriscasse a ponto de ser necessário servir a mulher.

Já tinha suado as estopinhas em dois destes eventos sociais. Esta noite, não havia necessidade de dançar no fio da navalha.

Deixando os campos de treino, Krelis seguiu um caminho equestre até chegar a uma pequena lagoa cuja superfície parecia um espelho. Sentando-se num banco de pedra próximo da lagoa, observou a água queda.

O anterior Guarda-Mor devia ter-se tornado estupidamente arrogante ou devia ser um traidor. Era a única forma de explicar o ataque falhado à Senhora Cinzenta quando regressava a Dena Nehele após o leilão da Primavera em Raej.

Não era de estranhar que o Guarda-Mor não tivesse encabeçado o ataque. Juntamente com o Administrador e o Consorte, o Guarda-Mor raramente saía da corte, a não ser para acompanhar a sua Senhora. Os seus deveres já não estavam na rua. Não obstante, um desses deveres consistia em escolher os homens adequados a uma missão. O antigo Guarda-Mor



enviara um punhado de guardas de Jóias mais claras, pertencentes ao Quinto Círculo e um pequeno grupo de saqueadores para aniquilar uma Rainha de Jóia Cinzenta e a respectiva escolta que a aguardava na estação das Carruagens. Não restara tempo para dominar a escolta antes da chegada da cabra Cinzenta. Não existiam reforços para dar continuidade ao ataque caso tentasse escapar pelos Ventos. Nada fora previsto.

Somente um dos guardas hayllianos de Jóia clara regressara para comunicar o falhanço.

A Dorothea, bastava um.

Bem, esse era um erro que não cometera. Tinha grupos de saqueadores cooperantes que aguardavam nas estações de Carruagens que poderiam ser usadas pela Senhora Cinzenta aquando do regresso do leilão. Eliminariam as possíveis escoltas que a aguardassem e enviariam um mensageiro ao Senhor Maryk, o seu segundo-comandante. Maryk, juntamente com guardas dos Primeiro e Segundo Círculos, cuidadosamente seleccionados e com bastante experiência, chegariam à estação pouco antes da Senhora Cinzenta para a matarem. Caso essa emboscada não fosse coroada de êxito, e caso Maryk e os restantes homens morressem no ataque, ainda teria forma de seguir a cabra e deixar um rasto para os grupos de saqueadores seguirem. A caçada prosseguiria até à aniquilação da Senhora Cinzenta.

Krelis tocou na divisa de Guarda-Mor no ombro esquerdo.

Juntamente com os feitiços que Dorothea tecera, a sua estratégia iria derrubar a rival mais perigosa da Sacerdotisa. Com isso, provaria aos canalhas da aristocracia dos Primeiro e Segundo Círculos que não era um guarda arrivista do Terceiro Círculo que obtivera uma posição cobiçada na corte por meio dos seus atributos fálicos.

A verdade é que não conhecia nenhum macho que não recorresse ao sexo para alcançar os seus objectivos.

Nem sempre assim fora.

Recordava-se daquela noite há tantos, tantos anos. Aquando da visita de uns amigos do pai para o jogo semanal de xadrez e convívio masculino, fora autorizado a permanecer acordado. A noite já ia longa e, a passar pelas brasas no sofá, ouviu o pai, que se interessava grandemente pela história de Hayll, especialmente no que aos Sangue dizia respeito, a verbalizar docilmente a preocupação quanto a algumas mudanças que vinham a realizar-se na sociedade ao longo dos últimos séculos. Olvan não fizera qualquer acusação, não mencionara ninguém, simplesmente salientara algumas diferenças na forma de tratamento dos machos que não serviam numa corte.

No dia seguinte, quando Krelis e Olvan deambulavam por um das vias campestres junto à povoação onde habitavam, a Rainha da Província e doze dos elementos da sua guarda surgiram a cavalgar. A Rainha fez algumas

perguntas ríspidas a Olvan, mostrando crescente irritação face às respostas respeitosas.

Decorridos alguns minutos, Olvan balançava suspenso de um ramo de árvore. As cordas enfeitiçadas à volta dos pulsos impediram-no de socorrer-se da Arte para desatar os nós ou cortar a corda. Ainda que tivesse conseguido libertar-se, as Jóias que possuía não eram suficientemente escuras para enfrentar o poder combinado da Rainha e dos guardas.

Deixaram-no pendurado enquanto suplicava à Rainha que lhe dissesse de que forma a tinha desagradado. Terminada a súplica, seis dos guardas prepararam os chicotes.

Olvan balançava para a frente e para trás, para a frente e para trás, face à força dos açoites.

No rosto dos guardas não se vislumbrava uma pinga de comiseração, não existia piedade nos fortes braços que brandiam os chicotes. Quanto muito, assolara-os um vestígio de receio no olhar como se, por estarem em contacto com um homem que não compreendia o que era a obediência, fosse possível ficarem contaminados tornando-os menos desejáveis perante a Rainha que serviam.

No decorrer de todos estes acontecimentos, um outro guarda prendia Krelis, obrigando-o a assistir.

Quando se afastaram, deixaram Olvan pendurado, moribundo.

Krelis ainda se recordava de correr em desespero até à casa mais próxima em busca de ajuda, ainda se recordava de estar junto ao corpo ensanguentado do pai durante o percurso de regresso a casa, ainda se recordava da relutância da Curandeira em tomar qualquer acção.

E ainda se recordava do momento em que, anos mais tarde, se apercebeu de que os açoites não tinham qualquer relação com as respostas educadas do pai à Rainha e que tinham tudo a ver com o facto de os amigos mais antigos e mais leais de Olvan nunca mais terem regressado ou convidado o pai para as suas casas.

Foi nesse momento que decidiu treinar para se tornar guarda.

Foi nesse momento que percebeu que não interessava como os machos tinham sido tratados no passado. O que realmente interessava a um jovem macho haylliano era sobreviver ao *status quo*. E a única forma era servir numa corte poderosa.

Krelis levantou-se, espreguiçando-se.

Ora, aqui estava ele, a iniciar o décimo sexto século – um jovem, segundo os padrões da raça haylliana de longevidade prolongada – e já era Guarda-Mor da corte mais poderosa de Hayll. Em si, já era uma meta importante, mas agora não passava de um ponto de passagem para os seus outros objectivos.

Esforçara-se arduamente durante muito tempo para permitir que os seus planos fossem arruinados por uma cabra de Jóia Cinzenta, que de qualquer modo, morreria dentro de algumas décadas.

## CAPÍTULO TRÊS

*Quase conseguira, aproximara-se bastante para apanhar um dos Ventos. Tivesse tido mais alguns segundos e a esta altura já estaria em casa, não fosse o administrador do leilão ter usado o Anel de Obediência para o enfraquecer, tornando-o presa fácil para os guardas e os chicotes.*

*Teria beneficiado desses segundos se tivesse matado o guarda que vigiava a senzala. Porém, no derradeiro momento, quando o feroz desconhecido se lançara do seu interior determinado em aniquilar, vira o mesmo medo e reconhecimento nos olhos do guarda que testemunhara no olhar da Rainha no instante anterior a ficar com as mãos cobertas do seu sangue... e detivera bruscamente a ferocidade. O ataque atordoara o guarda durante o tempo suficiente para escapar da senzala, mas o homem recuperou rapidamente e conseguira fazer soar o alarme prematuramente.*

*Não haveria outra oportunidade. Depois da noite anterior, não haveria.*

*Lamento, Mãe. Lamento.*

— Agora já não estás tão janota, pois não, lambe-ratas?

A dor e a chacota do guarda trouxeram Jared de volta ao presente. Olhou para o homem – um bruto imundo cuja Jóia Amarela estava tão sebosa como tudo o resto – e manteve-se em silêncio.

O guarda escarrou. — Olha os lindinhos, a pavonearem-se com roupas cheias de mariquices, a pensarem que são mais que os outros homens, homens *a sério*, que sabem empunhar as espadas. Ora, ninguém vai querer brincar contigo agora, pois não, lindinho? Quer dizer, a não ser as Rainhas de Pruul e a gente sabe que tipo de jogos é que *elas* gostam. — O guarda sorriu de orelha a orelha, deixando ver um buraco escuro no lugar de dois dentes.

Jared contemplou o guarda circunspectamente. Fora trazido de volta a esta senzala de madrugada, forçado a permanecer de joelhos, sendo depois atado firmemente aos quatro postes que não passavam a cintura de modo a não se conseguir mexer, nem sequer a cabeça. Não lhe fora dada comida nem água depois da ração da tarde, no dia anterior. O administrador do leilão responsável pelo anel de controlo ligado ao Anel de Obediência de Jared tinha estado continuamente a enviar níveis baixos de dor através do Anel desde que fora capturado na noite anterior. Os seus órgãos genitais estavam

tão sensíveis que o simples esvoaçar de uma mosca junto aos testículos o fazia cerrar os dentes para não gritar.

As moscas eram um tormento acrescido, a zumbirem à volta das feridas das chicotadas nas costas e na barriga que voltaram a abrir quando os guardas lhe puxaram as mãos para trás das costas e lhe levantaram os braços com um safanão para atar as correias aos postes traseiros.

Uma mosca pousou na face de Jared. Fechou o olho para evitar a mosca.

O guarda fitou-o momentaneamente para logo praguejar com raiva. — Seu filho de uma grande puta, estás a piscar-me o olho? — Agarrando Jared pelo cabelo, fez uso da Arte para invocar um punhal, girando lentamente a lâmina para que Jared nada mais visse para além do gume afiado. — Ora bem, rameira, não precisas de dois olhos para cavares sal.

Jared arquejou ao ver a lâmina a aproximar-se cada vez mais. Não valeria de nada explicar. Nem sequer implorar. Se usasse Arte para se proteger, teria todos os guardas a atacarem-no e, quando terminasse, não seria só um olho que perderia.

Imediatamente antes de a lâmina se aproximar o suficiente para cortar, o guarda retirou o punhal bruscamente e deu um passo cambaleante para trás. Abanou a cabeça como se estivesse a desanuviar a vista e massajou a região lombar com o punho. Ao virar-se, ficou petrificado e emitiu um débil gemido.

Jared pestanejou, desconhecendo se a vista estava toldada por lágrimas ou suor. Não importava. O guarda interpunha-se entre Jared e o que quer que tivesse atraído a atenção do homem.

Durante os demorados segundos em que o guarda se manteve imobilizado, Jared apercebeu-se do silêncio. Não se ouviam os ruídos habituais de uma senzala, como se os escravos e os guardas tivessem receio de chamar a atenção.

Por fim, o guarda fez o punhal desaparecer e afastou-se lentamente, desajeitadamente, com um passo pouco firme.

Sem o corpo do guarda a bloquear-lhe a visão, Jared olhou directamente nos olhos dourados e gélidos de Daemon Sadi.

Se os escravos de prazer eram os aristocratas na hierarquia dos escravos, Daemon Sadi estava tão acima deles quanto os restantes estavam relativamente aos escravos usados nos trabalhos forçados. Bastava contemplar este corpo de ombros largos e belo rosto ou ouvir a sua voz grave e sensual para que a maioria das mulheres ficasse excitada – e bastantes homens, independentemente das preferências. Podia seduzir tudo o que respirasse.

Chamavam-lhe Sádico pois tinha tanto de cruel como de belo. Propriedade de Dorothea SaDiablo, era escravo de prazer há séculos e usava o Anel de Obediência. Era também um poderoso Príncipe dos Senhores da

Guerra e as pessoas que irritavam Sadi desapareciam de forma estranha.

Jared suspirou de alívio quando, por fim, Daemon desviou o olhar, com uma expressão entediada no belo rosto que não traía pensamentos nem emoções. Contudo, a voz que chegou a Jared num fio psíquico masculino destinado à Vermelha continha amparo e compreensão.

\*Com que então, já não conseguias aguentar mais?\*

Jared pensou na última Rainha a quem tinha pertencido e nos tipos de jogos de alcova que queria levar a cabo, juntamente com o irmão Príncipe. Estremeceu. \*Não, já não aguentava mais\* respondeu. \*Não os tolerava.\*

Se, oito anos antes, Daemon não se tivesse interessado por ele quando permaneceram na mesma corte, não teria sobrevivido tanto tempo. Os escravos de prazer tinham a tendência para uma certa instabilidade emocional após alguns anos de serviço na cama. As lições de Daemon tinham contribuído para se manter indiferente ao que lhe era ordenado ou ao que estava a ser sujeito.

Nem sequer essa indiferença fora suficiente naquela última vez.

\*A cabra merecia morrer\* disse Daemon, como se matar uma Rainha fosse tão banal que não justificasse mais do que um comentário despreocupado. O mesmo era dizer que, para Sadi, aproximava-se bastante da verdade. Foi então que mudou o tom de voz, parecendo um professor ligeiramente aborrecido com um estudante preferido. \*Mas podias ter sido mais subtil.\*

A mulher junto a Daemon puxou-lhe a manga do casaco preto e justo. Parecia baralhada por se encontrar tão afastada das diversões e das barracas dos mercadores. Em comparação com a aparência de Daemon e com a tez haylliana – pele morena e dourada, cabelo preto e brilhante e olhos dourados –, a mulher parecia descolorada e simples. Balbuciu algumas palavras e voltou a puxar-lhe a manga.

Daemon ignorou-a.

Jared não conseguia entender as palavras, mas percebeu o queixume na voz. Sentiu os músculos a retesarem-se. Susteve a respiração.

Voltou a falar, mas o queixume foi interrompido pelo rosnado baixo e feroz de Daemon. Afastou-se, veloz. Assim que ficou fora do alcance, subiu o tom de voz. — Olha que posso usar o Anel.

O sorriso de Daemon era gélido e brutal.

Os guardas trocaram olhares nervosos e mexeram-se ligeiramente.

\*Parece que a minha Senhora quer divertir-se\* disse Daemon. Subjacente ao tom meigo, Jared detectou algo que o fez pensar se a Senhora não se iria arrepender terrivelmente por ter proferido tal ameaça.

\*Que as Trevas te protejam, Senhor Jared\* despediu-se Daemon ao mesmo tempo que oferecia o braço à Senhora, preparando-se para sair.

\*E a ti, Príncipe Sadi\* respondeu Jared.

Já não se avistavam quando as últimas palavras de Daemon o alcançaram. \*Aquele guarda vai ter uma febre misteriosa. Recuperará mas nunca mais terá força nos membros que lhe permita retomar o serviço. Que uso julgas que terá um homem desses num sítio como Raej?\*

Jared sentiu um calafrio, grato por Sadi ter quebrado a ligação entre ambos. Devia muito a Daemon, mas preferia desconhecer determinados pormenores relacionados com o Sádico.

Outra mosca pousou-lhe no rosto.

Jared fechou os olhos e tentou não pensar. Tentou não se recordar. E não conseguiu.

•

Quando voltou a abrir os olhos, escurecera. A qualquer momento, soaria o sino que indicava o término das licitações desse dia. Os Senhores e as Senhoras dos Sangue que vinham às compras preferiam fazê-lo à luz do dia que não permitia a ocultação de defeitos que se tornariam mais dissimulados quando um escravo desnudado era apresentado à luz mortíça de um candeeiro ou, melhor ainda, à luz tremulante de uma tocha.

Viu o guarda que estava de sentinela à entrada da senzala, a vigiá-lo. Não era um dos brutamontes do costume. A divisa no casaco limpo do uniforme indicava que este era um dos guardas contratado como acompanhante. Era uma regra fixa nos leilões; exigia-se às Senhoras que contratassem dois acompanhantes pertencentes à guarda de Raej que as auxiliassem com os escravos que pudessem vir a adquirir. Visto que o homem estava sozinho, o companheiro estaria, provavelmente, a guardar os escravos já adquiridos.

Porém, tal não explicava qual o motivo que levava o homem a deambular junto às senzalas com os párias. Também não explicava o que levava o sacana a olhar fixamente para...

Sentiu que algo se deslocava pelo ar. Era algo cativante e misterioso. Um odor psíquico que lhe fazia disparar o coração e estremecer os músculos. Um odor que levava o feroz desconhecido no seu interior esforçar-se para o alcançar, desconfiado e entusiasmado – e ávido.

O odor de uma Rainha.

Jared olhou para o espaço vazio junto ao acompanhante da guarda. Porém, não estava vazio.

Apesar de estar certo do que iria ver, olhava-a mas quase não a conseguia ver. Tinha o cabelo grisalho e estava tão queda que se confundia com a poeira e o lusco-fusco e o sabor do desespero.